

Coordenadores
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
DELFIN FERREIRA LEÃO

OS FRAGMENTOS DE PLUTARCO

e a recepção da sua obra



SoPlutarco • Instituto de Estudos Clássicos • Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos • Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coimbra – 2003

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES
Universidade de Coimbra

PLUTARCO NO HUMANISMO RENASCENTISTA EM PORTUGAL

*Socrates Philosophiam e coelis deduxit in terras,
Plutarchus introduxit in cubiculum, in
conclauē, in thalamos singulorum.*

Erasmus, *L.B.*, IV, 57-58*

Jacqueline de Romilly, com a agudeza e a sensibilidade que põe em todos os seus trabalhos, dedica dois importantes capítulos a Plutarco, na sua obra *La douceur dans la pensée grecque*,¹ onde afirma: «Vers la fin de la grande littérature grecque, on trouve, avec Plutarque, l'apogée de la notion de douceur. Chez lui, elle est partout; elle commande tout; et elle s'épanouit comme l'image même d'un idéal de vie essentiellement grec».²

O próprio vocabulário da doçura — *πραότης* termo que exprime a qualidade humana de cada situação — é mais rico e mais completo do que em qualquer outro escritor, grego ou romano.³

* *Erasmii Desiderii Opera omnia* (in decem tomos distincta). Recognovit Joannes Clericus, Leiden 1703. Univeränderter reprographischer Nachdruck. Hildesheim, 1961-1962 [cit. *L.B.*].

¹ Paris, 1979. Cf. chap. XVI e XVII: «Plutarque et la douceur des héros» (p. 275-292); «Plutarque et la douceur des sages» (p. 293-307).

² *Ibidem*, p. 275. E prossegue a eminente professora (p. 292): «...la douceur évoquée par Plutarque s'inspire en certains cas de modèles [...]. Entre tous ces modèles, Plutarque choisit selon les circonstances; et leur combinaison même relève d'un mérite qu'aucun des auteurs précédents n'avait possédé — à savoir la finesse dans l'analyse psychologique».

³ *Ibidem*, p. 274. É esta a conclusão a que chega, após o confronto que faz dos *Moralia* e das *Vitae Parallelae* de Plutarco com as obras de autores gregos e romanos, designadamente

Diversos, com efeito, são os estudos que analisam os termos, recorrentes na obra de Plutarco, que exprimem esta noção. Entre eles, surge frequentemente o de *philanthrôpia*, que se define como a virtude por excelência do homem civilizado e bem educado.⁴

Essência do movimento humanista, a *humanitas* — ponto de encontro entre tradição clássica e tradição cristã — abarca os conceitos de *humanitas* como *sympáteia*, de *humanitas* como *pietas*, de *humanitas* como *charitas hominum*, que não são mais do que variações do conceito grego de *philanthrôpia*.⁵

Se não é possível encontrar no Renascimento qualquer doutrina filosófica comum, como observa Paul Oskar Kristeller,⁶ premissa essencial de toda a cultura humanística, assente no aristotelismo ético-político e no designado «socratismo cristão», é que «o homem nasce para ser útil ao outro homem»,⁷ pelo que o desenvolvimento dos dotes da *ratio* e do *uerbum*, que

Platão, Aristóteles, Isócrates, Xenofonte, Cícero e Séneca. Este último tem tratados sobre os mesmos temas com os mesmos títulos, como é o caso do *De ira* e do *De tranquillitate animi*.

⁴ Ibidem, p. 274-307. Sobre a noção de *philanthrôpia* — que ultrapassa o âmbito dos autores da Antiguidade greco-latina — nos autores cristãos, cf. ibidem, «Douceur païenne et bonté chrétienne. I. La révolution du Christianisme».

⁵ Ilustrativa, neste sentido, é a expressão de Guarino de Verona: «Humanitas dicitur doctrina et erudicio unde vocantur studia humanitatis pro illa affectione quam habemus erga homines, quam Graeci uocant philanthropia», apud Gioacchino Paparelli, *Feritas, humanitas, diuinitas. Lessenza umanistica del Rinascimento*, Napoli, 1973, p. 129. Paparelli demonstra, no cap. IX, p. 115-129, como os conceitos de *doctrina* e *philanthrôpia* se encontram intimamente ligados, na definição dos *studia humanitatis*, desde Petrarca e os humanistas do *Quattrocento* — Guarino de Verona, Leon Battista Alberti, Enea Silvio Piccolomini — aos primeiros humanistas europeus de Quinhentos, e entre eles Erasmo, fervoroso seguidor de Plutarco.

⁶ P. O. Kristeller, *The Classics and Renaissance thought*, Cambridge-Massachusetts, 1955, p. 22. Em seu entender, o Humanismo da Renascença, movimento cultural e literário, que na sua substância não era filosófico, teve importantes implicações e consequências filosóficas, directamente relacionadas com o seu fundamental classicismo, que modelou o pensamento da época, em todos os domínios do conhecimento. Entre os autores da Antiguidade Clássica que considera favoritos do Humanismo Renascentista, conta-se Plutarco (cf. ibidem, e. g. p. 18 e 21).

⁷ Vide e. g. Leon Battista Alberti, *De iciarchia*, in *Opere volgari*, ed. Bonucci (Firenze, 1843-1849): III, p. 92.

os distinguem dos outros animais, tem um alcance social. Os *studia humanitatis* são assim colocados ao serviço da «vita civile», em profunda implicação entre *doctrina* e *societas*.⁸

Não sem razão, Plutarco está entre os autores gregos que mais interesse despertaram no Renascimento. Houve já quem afirmasse que Cícero, Séneca, Plutarco preenchiam, no essencial, o quadro de uma *humanitas* orientada no sentido da vida social, ou melhor de uma *humanitas* destinada a torna-se *humanitas christiana*.⁹

Considerado pelos humanistas desde Poliziano e Marsilio Ficino, a Erasmo e Fr. Luís de Granada como um moralista capaz de fazer a síntese entre a filosofia moral pagã e o verdadeiro cristianismo,¹⁰ foi assinalável a influência de Plutarco no movimento geral das ideias renascentista.

O Humanismo, que se centra no saber e nos valores da Antiguidade apoiados nos textos originais dos seus autores, criteriosamente depurados e estabelecidos pela rigorosa filologia, vai conhecer e apreciar Plutarco, nos seus escritos morais, nos *Moralia*, de grande variedade e amplitude temática, e nas *Vitae Parallelae*, as suas biografias de homens ilustres, gregos e romanos, sobre os quais estabelece o *páragon*.

Conhecido na Idade Média através do tratado pseudo-plutarquiano *Institutio Trajani*,¹¹ e redescoberto, na sua obra completa, nos finais do

⁸ Sobre o empenhamento cívico do primeiro humanismo italiano e, na sua peugada, do movimento humanista europeu, vide e. g. J. Bentley, *Politics and culture in Renaissance Naples*. Princeton, 1987, maxime, p. 196-197; P. Burke, *The Italian Renaissance culture and society in Italy*. Cambridge, ³1987.

⁹ Cf. O. Schottenloher, 'Érasme et la «Respublica Christiana»', in *Colloquia Erasmi Turonensis*, vol. II, Paris, Vrin, 1972, p. 667-690. Cf. maxime p. 684.

¹⁰ Frei Luís de Granada refere-o explicitamente, no prefácio da sua *Collectanea moralis philosophiae* (Olyssipone, 1571). Na sua *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri sex* (Olyssipone, 1576) aduz o testemunhos de insígnis autores e, em primeiro lugar, «Plutarco, o mais grave de todos os filósofos». Cf. trad. espanhola: L. De Granada, *Los seis libros de la Rhetórica Eclesiástica*, III, Madrid, 1945, p. 494.

¹¹ Esta obra — que segundo a tradição é o resultado do magistério de Plutarco junto do imperador Trajano —, encontrada no século XII, apresenta a orgânica do estado da Antiguidade, com um ténue revestimento cristão, e aponta no sentido da secularização. Cita-a Frei António

Trecento,¹² é sobretudo a partir do século XV que o escritor de Queroneia vai merecer edições e traduções latinas da autoria de humanistas de renome, e nas diferentes línguas vulgares, nos quatro cantos da Europa culta.¹³ Entre estas, dadas as afinidades culturais e políticas de Portugal e Castela, merecem especial relevo as traduções castelhanas quatrocentistas de Alonso de Palencia e Carlos de Aragón, príncipe de Viana e, no século XVI, as de Diego Gracián de Alderete.¹⁴

Plutarco foi um dos autores mais frequentemente traduzidos e editados, mais lidos e imitados no Renascimento.¹⁵ A *Guarino de Verona* se deve a tradução do tratado pseudo-plutarquiano, o *Περὶ παίδων ἀγωγῆς*, conhecido pelo título latino *De liberis educandis*, com importância marcante na divulgação da moderna pedagogia humanista — a ponto de ser

de Beja, na sua *Breve Doutrina e ensinança de príncipes*, através de Vincent de Beauvais. Vide a este propósito, Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, INIC, 1994., p. 60 e 68.

¹² Vide August Buck, *L'èredità classica nelle letterature neolatine del Rinascimento*, trad. ital., Brescia, 1980, p. 157 e sqq.; D. P. Lackwood, 'Plutarch in the 14th Century', *TAPhA* 64 (1933) 66 e sqq.

¹³ Entre os tradutores de grego para latim, encontram-se humanistas famosos como Guarino de Verona, Francesco Barbaro, Leonardo Bruni, Francesco Filelfo, Coluccio Salutati, Bartolomeo Platina, Angelo Decembrio, Niccolò Perotti, Desiderio Erasmo.

Em línguas vulgares, além das traduções para castelhano, refiram-se as traduções de Pedro Crínito, para italiano, de Thomas Elyot e Thomas North para inglês, de Amyot, para francês, entre os principais. Sobre as traduções das obras de Plutarco, vide Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório* cit., p. 86; 87; 90; 92-93; 100; 112; 115; 116; 122; 143; 145; 149; 160; 167; 226-228; 237.

¹⁴ Alonso de Palencia (1423-1492) foi pajem de D. Alonso de Cartagena e de Bessarión, em Itália, onde estudou grego com Jorge Trebizonda. D. Alonso de Cartagena, futuro bispo de Burgos, traduziu o primeiro livro do *De inuentione* de Cícero para o nosso rei D. Duarte e foi diplomata em Portugal de 1421-1431. Vide a este propósito, Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório* cit., p. 90.

¹⁵ Vide V. R. Giustiniani, 'Sulle traduzioni latine delle *Vite* di Plutarco nell Quattrocento', *Rinascimento* 1 (1961) 3-62; R. Aulotte, *Amyot et Plutarque. La tradition des moralia au XVI^e siècle*, Genève, 1965. Sobre Plutarco, «l'auteur peut-être le plus lu au XVI^e siècle», vide Augustin Redondo, *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son temps*. (De la carrière officielle aux oeuvres politico-morales), Genève, 1976, p. 623. Também P. O. Kristeller, *The Classics and Renaissance thought* cit., p. 18 e 21 o considera um dos autores favoritos do Renascimento.

considerado, conjuntamente com a obra de Quintiliano, verdadeiro *vademecum* de todos os escritores pedagógicos do Renascimento.¹⁶

Plutarco foi objecto de grande apreço e efusivos louvores. São reveladoras, neste sentido, as palavras de Rabelais, quando apresenta Gargântua, na célebre carta a Pantagruel, a deleitar-se com a leitura dos diálogos de Platão e “les Moraulx de Plutarche” e a recomendá-la a seu filho.¹⁷

A mensagem espiritualizada de Plutarco, posta ao serviço da moral natural e do relacionamento, em termos afectivos, entre os membros de uma comunidade, encontra-se na *Utopia* de Thomas More. Os seus habitantes, leitores de Plutarco, tinham uma constituição modelada pelas leis de Licurgo, em Esparta, e adoravam uma deusa, Mytra — o nome de Mytra amplifica o sentido misterioso e sobrenatural do ser divino — aparentada com a divindade persa referida por Plutarco em *De Iside et Osiride*.¹⁸

Guillaume Budé modela a sua *Institution du prince* sobre os *Apophthegmata* de Plutarco.¹⁹

Frei António de Guevara, no *Relox de principes* — editado em Lisboa em 1529 por Germão Galhardo, com privilégio de D. João III, segue Plutarco como principal fonte.²⁰

António de Nebrija, em *De liberis educandis*, Thomas Elyot, em *The*

¹⁶ São estas as palavras de G. B. Gerini, *Gli scrittori pedagogici Italiani del secolo decimoquinto*, Torino, Ed. Paravia, 1896, p. 274: «Tra le molteplici operette di Plutarco, tradotte dal Guarino, è notevole l'opuscolo *Intorno all'educazione dei fanciulli*, che fece latino fra il 1410 ed il 1411, dedicandolo ad Angelo Corbinelli, il quale scritto, unitamente all'opera di Quintiliano, divenne il *vademecum* di tutti gli scrittori pedagogici del Rinascimento»

¹⁷ François Rabelais, *Pantagruel*. Texte établi et présenté par Jean Plattard. Paris, 1959, cap. VIII, p. 42.

¹⁸ André Prévost, *L'Utopie de Thomas More*. Présentation, texte original, apparat critique, exégèse, traduction et notes. Préface de Maurice Schumann. Paris, 1978, pp. 119-120; 541; 590; 613 e 715-716.

¹⁹ Cf. Claude Bontems et alii, *Le prince dans la France des XVI^e et XVII^e siècles*, Paris, 1965, p. 9-10.

²⁰ Augustin Redondo, *Antonio de Guevara (1486?-1545) et l'Espagne de son temps* cit., p. 545.

gouverneur, Sadoleto, em *De liberis recte instituendis*, dão testemunho da presença constante de Plutarco, modelo pedagógico do humanismo europeu — o Educador da Europa.²¹

Montaigne saúda nestes termos a tradução das *Oeuvres morales* de Plutarco, que Amyot acabava de publicar (*Éssais*, II, 4): “... mais surtout je lui sais bon gré d’ avoir su trier et choisir un livre si digne et si à propos, pour en faire présent à son pays. Nous autres ignorants étions perdus, si ce livre ne nous eût relevés du borbier: sa merci (grâce à lui) nous osons à cette heure et parler et écrire; les dames en régentent les maîtres d’école; c’ est notre bréviaire”.²²

Encarregado da educação dos dois últimos príncipes Valois,²³ Amyot traduziu em 1559, com dedicatória a Henrique II, as *Vies des hommes illustres* e em 1572 as *Oeuvres morales* que dedica a Carlos IX. A Amyot e à lição de Plutarco se deve a reputação de ter sido este rei educado “fort catholiquement”, assim como a do seu “bon, orné et éloquent parler”.²⁴

É contudo Erasmo, entre todos os autores desta época, aquele cuja obra reflecte de forma mais profunda, temática e formalmente, a lição do autor de Queroneia. É que aos muitos escritos de Erasmo — além da preocupação moral de fornecer modelos de conduta ao homem comum e ao homem de estado — preside também o ideal pedagógico e didáctico da formação integral do homem, na sua dimensão humana, espiritual e

²¹ Vide Elio Antonio de Nebrija, *De liberis educandis libellus* (1509): *La educación de los hijos*. Estudio, edición, traducción y notas por León Esteban y Laureano Robles. Valencia, 1981; Thomas Elyot, *The Boke named the governour*. Edit. H. H. S. Croft, 2 vols. London, 1880; do tratado de Sadoleto, vide *Traité d’éducation du Cardinal Sadolet et vie de l’auteur par Antoine Florebelli*. Traduit pour la première fois avec texte latin, notes explicatives et justificatives par P. Charpenne. Paris, 1855.

²² Cf. Pierre Villey, *Les sources d’ idées*. Paris, 1912, p. 13-14.

²³ Vide A. Adler, ‘J. Amyot preceptor of two king’s’, *Renaissance News* 10, 3 (1975), p. 131-138.

²⁴ Vide Ferdinand Buisson, *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire*. Paris, 1887, s.v. *Princes (Éducation des)*, p. 2435-2436.

Para se fazer uma ideia do empenho dos humanistas pela obra de Plutarco, pode consultar-se a bibliografia apresentada por Robert Aulotte, *Plutarque en France au XVI^e Siècle (Trois Opuscules Moraux traduits par Antoine du Saix, Pierre de Saint-Julien et Jacques Amyot)*. Paris, 1971, p. 243-245.

metafísica, numa permeabilidade intrínseca entre *studia humanitatis* e *studia diuinitatis*. Elucidativas, neste sentido, são estas palavras do Humanista de Roterdão: *Bonae litterae reddunt homines; philosophia plusquam homines; theologia reddit diuos.*²⁵

Erasmus não se cansa de proclamar a grandeza do moralista grego, com quem profundamente se identifica, nos interesses comuns, nas ideias pedagógicas, ético-políticas, de moral individual e social, na sensibilidade e gostos estéticos afins.

A expressão do apreço de Erasmus por Plutarco — a par da confessada dívida em relação à sua obra — surge a cada passo, a abrir os *Adagia*, os *Apophthegmata*, na *Institutio principis christiani*. Nesta obra, o humanista de Roterdão coloca Plutarco em primeiro lugar, entre os autores clássicos que aconselha ao príncipe, não só pelos ensinamentos dos seus tratados — nada pode existir de mais santo — como pelo exemplo da sua vida.²⁶

Compreende-se assim que Plutarco, a par de Quintiliano — logo seguidos de Diógenes Laércio — seja também a principal fonte do tratado de Erasmus que se destina à educação da primeira infância, o *De pueris instituendis*, cuja recepção é enorme em toda a Europa.²⁷

É na obra de Plutarco e na de Diógenes Laércio, editadas por vezes conjuntamente²⁸ — sem esquecer as de Suetónio, Aulo Gélio ou Valério Máximo —, que os humanistas satisfazem o interesse pela Antiguidade, pelo pulsar concreto da vida das grandes figuras históricas, pela profundidade do seu pensamento, e colhem os *exempla* que enriquecem a sua *inventio*.²⁹

²⁵ D. Erasmo, *L.B.*, IV, 628 D.

²⁶ D. Erasmo, *L.B.*, IV, 587 F.

Vide também a este propósito, Pierre Mesnard, *L'essor de la philosophie politique au XVI^e siècle*. Paris, 1977, chap. II “Érasme ou l’ évangélisme politique”, p. 97.

²⁷ Vide J.-C. Margolin, *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*. Étude critique, traduction et commentaire. Genève, 1966, p. 96-100.

²⁸ Vide a edição conjunta de escritos de Plutarco e Diógenes Laércio na B.N. Paris (cota: Z. 17588): *Apophthegmata graeca regum et ducum, philosophorum item aliorumque... ex Plutarco et Diogene Laertio. Cum latina interpretatione. Loci aliquot in graeco contextu emendati fuerunt...* . s. 1., H. Stephanus, 1568.

²⁹ Sobre o interesse das obras de carácter biográfico no Renascimento, vide P. O. Kristeller, ‘Umanesimo filosofico e umanesimo letterario’, *Lettere Italiane*, 14 (1962), p. 392: “Nel

Em Portugal, com a introdução do Humanismo, nos finais do século XV, designadamente a partir de Cataldo Parísio Sículo, Plutarco faz parte do *corpus auctorum*, lido e assimilado pelos nossos humanistas e integra a cultura literária dos nossos escritores da época de Quinhentos.

Já antes, num proto-humanismo liderado pelos Príncipes de Avis, a lição de Plutarco se fizera sentir, entre nós, por influência dos autores do *Quattrocento* italiano.³⁰

A preferência por Plutarco reflecte-se já na obra de Vasco de Lucena, um português ao serviço da duquesa Isabel, filha de D. João I, na corte de Borgonha do século XV, com estreitas relações com o humanismo italiano, a que também nós não fomos alheios. A Vasco de Lucena se deve a *Histoire d'Alexandre* de Quinto Cúrcio, completada nas lacunas do original sobretudo pela *Vida de Alexandre* de Plutarco, segundo a versão latina de Guarino de Verona.³¹

Expressiva, neste sentido, é a tradução do tratado pedagógico, com nítida influência de Plutarco, de Pier Paolo Vergerio, o *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adulescentiae*, realizada por Vasco Fernandes de Lucena, na corte de Avis, a pedido do Infante D. Pedro que conhecera Vergerio em

campo letterario, la letteratura biografica e quella autobiografica ebbero una fioritura raramente raggiunta in altre epoche”.

³⁰ Se é possível aludir a um proto-humanismo na corte de Avis, a influência humanista é bem mais notória do ponto de vista ideológico do que do ponto de vista estético-filológico, onde haveria ainda largo caminho a percorrer.

Pier Paolo Vergerio, que sabia grego e tivera Crisolara por primeiro mestre, recolhe, na sua obra pedagógica, os ensinamentos de Plutarco — do tratado pedagógico e das restantes *Obras morais* e das *Vidas Paralelas*, pois cita a *Vida de Mávio*. Sabe-se que a tradução latina de Guarino de Verona do *De liberis educandis* de Plutarco data de 1410, apesar de ter sido publicada em 1497. (É conhecida, no entanto, a ampla divulgação, nesta época, dos originais manuscritos, por vezes com implicações a nível de autoria, como é o caso da obra *De regnandi peritia* de Agostinho Nifo, inspirada no manuscrito de *Il principe* de Maquiavel).

Sobre a importância de Plutarco no *Quattrocento italiano*, vide G. B. Gerini, *Scrittori pedagogici Italiani del secolo decimoquinto*, Torino, 1896; Eugenio Garin, *Il pensiero pedagogico dello Umanesimo*, Firenze, 1958, p. 307-503 e 725-726.

³¹ Vide R. Bossuat, ‘Vasque de Lucène, traducteur de Quinte-Curce (1468)’, *Bibliothèque d’Humanisme et Renaissance* 8(1946), 197-246; Idem, ‘Les sources du Quinte-Curce de Vasque de Lucène’, in *Mélanges Félix Grat*, I, Paris, 1946, p. 345-356. Cf. Nair de Nazaré Castro Soares, *O principe ideal no século XVI* cit., p. 87.

Itália.³²

De grande significado na definição dos nossos ideais culturais é a influência directa da Itália em Portugal, pelo menos a partir do início do século XIV. Conhecida é a presença de letrados portugueses em Itália entre 1350 e 1450 e o papel desempenhado pelo abade D. Gomes, geral da ordem camalduense e nuncio e visitador apostólico dos mosteiros de Portugal, figura de grande prestígio em Florença.³³ Na abadia de D. Gomes, futuro prior de Santa Cruz de Coimbra, fora D. Pedro recebido por ocasião da sua visita a Itália.³⁴

A importância que o livro de Vergério teve no Renascimento português advém-lhe não só da recepção que teve entre nós, a partir do século XV, mas sobretudo do facto de definir os ideais e o programa da educação humanística.³⁵ Dedicado a Ubertino de Carrara, este tratado destinava-se à educação de jovens pertencentes a famílias principescas ou nobres. O ideal de renovação do espírito de Roma presidiu à elaboração desta obra, em que sobressai a inspiração dos clássicos, Cícero e Séneca e os recém redescobertos Quintiliano e Plutarco — intérprete este último do pensamento grego dos autores do século IV e da filosofia da época helenística, com admirável sincretismo.³⁶

³² P. P. Vergerio, *De ingenuis moribus et liberalibus studiis adulescentiae*. Ed. A. Gnesotto. Padova, 1918. Vide a importância desta obra na história da pedagogia, in Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI* cit., p. 101-102. Vasco Fernandes de Lucena — distinto de Vasco de Lucena, anteriormente referido — foi um dos tradutores mais activos dos autores clássicos, ao serviço dos ideais pedagógicos dos príncipes de Avis. Desempenhou ainda funções de embaixador do rei D. Duarte (ao concílio de Basileia e junto do Papa Eugénio IV) e do rei D. João II (junto do papa Inocêncio VII).

³³ Vide Davide Bigalli, 'La città e gli oceani. Linee di rapporti tra Toscana e Portogallo nella prima età medicea', in *Studi e ricerche* (nuova serie), I, a cura di Davide Bigalli, Bari, 1989, p. 65-117.

³⁴ D. Pedro convivera, em Itália, com humanistas famosos e atraíu as sua simpatias, como prova a dedicatória que lhe fez Ambrogio Traversari da sua tradução do *De Providentia* de S. João Crisóstomo

³⁵ P. P. Vergerio, *De ingenuis moribus* cit., maxime, caps. 26-32.

³⁶ Os princípios ético-pedagógicos, que desde a sofística e a partir de então, designadamente em Isócrates, Xenofonte, Platão, Aristóteles, o educador de Alexandre, aos autores latinos, e entre eles Cícero — fonte de informação das várias escolas de filosofia grega e modelo humanista de pensamento eclético, em que se harmonizam eloquência e sabedoria — serviram de referência a Plutarco bem como a Quintiliano e aos autores da Segunda Sofística,

A partir da obra de Vergerio, a influência de Plutarco está amplamente documentada em toda a tratadística pedagógica, de inspiração clássica, designada por educação moderna.³⁷

Marco definitivo da orientação das ideias pedagógicas desta *educatio* são os ensinamentos do opúsculo *De liberis educandis*, que abre os *Moralia*, sobre a criação, instrução e formação dos filhos, desde a sua concepção à sua emancipação, quando contraem casamento, verdadeiros *topoi* nos tratados humanistas.

Plutarco, defensor e representante de uma moral social nova, contesta valores da cultura grega como a pederastia e a homossexualidade e vai colocar, como centro do casamento, o amor conjugal, de que faz depender a feliz convivência entre os esposos, a condição da mulher face ao marido. É este um dos aspectos mais marcantes da modernidade do pensamento de Plutarco, nos *Moralia*: a importância concedida à instituição do casamento, à reciprocidade de deveres dos cônjuges, à família, pais e filhos, em que se assume como princípio universal a afectividade, a compreensão, a doçura — semelhante à *caritas* Paulina —, do maior alcance no relacionamento mútuo e na educação dos filhos.³⁸

Já no *Leal Conselheiro*, da primeira metade do século XV, D. Duarte dedica alguns capítulos à reflexão sobre o amor e o casamento. Além da sua experiência pessoal — o mais interessante desta obra — não faltaram ao monarca referências literárias.³⁹ Não poderemos deixar de lembrar que o *De* com seus ideais pedagógicos predominantes.

³⁷ Ο Περὶ παιδῶν ἀγωγῆς, traduzido em latim pela primeira vez em finais do século XV por Guarino de Verona, conhece uma edição conjunta (Paris, 1454) com o *De ingenuis moribus* de Pier Paolo Vergério: B.N. Paris - cota: /Rés. R. 1566.

³⁸ Entre as obras de Plutarco que abordam mais directamente esta matéria refiram-se — em tradução latina, veículo privilegiado da sua divulgação, no Renascimento — *Amatorius*, onde enaltece a importância do amor conjugal; *Coniugalia praecepta*, conselhos sobre a vida conjugal, dirigidos a dois dos seus discípulos que vão casar, Eurídice e Poliano; a *Consolatio ad uxorem*, por ocasião da morte de uma filha, em que alia a serenidade filosófica a uma singular ternura pela esposa; o *De amore prolis* e o *De liberis educandis*, em que os filhos são o principal objecto; e, enfim, sobre o amor fraternal, o *De fraterno amore*. Isto sem esquecer muitas das suas *Vitae*, que apresentam exemplos históricos dos valores enunciados nos *Moralia*.

³⁹ Cf. os capítulos RIIII-RVIII. Vide Mário Martins, 'A amizade e o amor conjugal no

regimine principum de Egídio Romano, que fazia parte da biblioteca real e era obra de leitura privilegiada na corte de Avis, se debruça no Livro II sobre a família: a primeira parte sobre a vida matrimonial e a segunda sobre a educação dos filhos.

Durante a Idade Média, descuraram-se as virtudes naturais e espirituais da união conjugal, pôs-se em causa a legitimidade do casamento como sacramento, considerado benéfico no plano moral e social, mas bem inferior ao estado religioso, à vida monástica.⁴⁰

A consolidação progressiva da autoridade do estado, sobretudo a partir do séc. XV, e as perturbações ocasionadas pela importância conferida ao poder económico como factor de ascensão social, contribuíram para a revalorização do casamento e da família, célula de base da sociedade. Face a uma economia em expansão, em que o dinheiro desempenha um papel primordial, impõe-se o regresso aos valores tradicionais, à dignificação do casamento, ao fortalecimento dos laços familiares, sem os quais a ordem social não pode ser mantida. Exemplos significativos desta atitude são os tratados do *Quattrocento* italiano, profundamente influenciados pela obra de Plutarco, o *De re uxoria* de Francesco Barbaro, composto em 1415-1416, e sobretudo o *Della famiglia*, de Leon Battista Alberti, de cerca de 1440, que teve grande e rápida divulgação, a julgar pela influência que teria tido na *Celestina*.⁴¹

É no século XVI que ganha actualidade a problemática do casamento (*An sit nubendum?*), que constitui um dos debates favoritos das escolas dos sofistas, que surge no *Organon* de Aristóteles, nos livros das *Categoriae uel praedicamenta* — sob as espécies do último modo do *praedicamentum* «De

«Leal conselheiro», in *Estudos de cultura medieval*, Lisboa, 1983, p. 187-206” Paulette Demerson, ‘L’amour dans le «Leal Conselheiro» de Dom Duarte’, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 19 (1983) 483-500; M. Lurdes C. Fernandes, ‘Da doutrina à vivência: amor, amizade e casamento no «Leal conselheiro» do rei D. Duarte’, in *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II série, vol. I, 1984, 133-194.

⁴⁰ Lucien Febvre, *Amour sacré, amour profane. Autour de l’Heptaméron*, Paris, 1944, p. 314; Émile V. Telle, *Érasme de Rotterdam et le septième sacrement. Étude d’évangélisme matrimonial au XVIe. siècle et contribution à la biographie intellectuelle d’Érasme*, Genève, 1954, 409-410.

⁴¹ Vide Marcel Bataillon, «*La Célestine*» selon Fernando de Rojas, Paris, 1961; J. A. Maravall, *El mundo social de «La Celestina»*, Madrid, 1964.

habere» — e figura como *exemplum* nos *Progymnasmata* de Hermógenes e de Aftónio, muito divulgados e apreciados, no Renascimento.⁴²

Tema eterno, pelas suas implicações múltiplas no domínio do humano, o casamento tornou-se um dos assuntos mais vezes abordado pelos escritores de Quinhentos. Neste sentido, reveste-se de particular importância a obra de Erasmo que, sobretudo a partir do *Enchiridion militis christiani*, muito contribuiu para a secularização da piedade cristã e consequentemente do estado matrimonial.⁴³ Diversas são as obras em que o Humanista de Roterdão aborda o tema do casamento, designadamente o *Encomium matrimonii*, de 1518, os *Colloquia* matrimoniais, que datam de 1523 — os que apresentam ensinamentos pré-nupciais, *Virgo misogamos*, *Virgo poenitens*, *Proci et Puella* e o célebre *Uxor mempsigamos siue coniugium*, que contém instruções para os esposos — e a *Institutio christiani matrimonii* de 1526.

Além da produção erasmiana, que difundiu e vulgarizou um paulinismo matrimonial que actualiza a mensagem de Plutarco, outras obras de diferentes autores se lhe seguiram. Lembre-se, entre os mais célebres, Luís Vives com os seus tratados *De institutione foeminae christianae* de 1523 e *De officio mariti* de 1529.

⁴² Vide Gérard Defaux, *Pantagruel et les sophistes. Contribution à l'histoire de l'Humanisme Chrétien au XVI^{me} Siècle*, La Haye, 1973, p. 212-214.

Assinalável é a importância de que se revestem os *Progymnasmata*, no ensino da retórica e da diléctica, e na construção do discurso dos autores do Renascimento. Basta lembrar o caso de um Rudolfo Agrícola, tradutor dos *Progymnasmata* de Aftónio, de Erasmo, ou de um Guillaume Budé, influenciados pela tradição patrística e bizantina. Vide R. Naudeau, 'The Progymnasmata of Aphthonius in translation', in *Speech monographs* 19 (1952) 264-285; Lisa Jardine, 'Distinctive disciplina: Rudolph Agrícola's influence on methodical thinking in the humanities' in *Rudolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen* (28-30 October 1985). Ed. by F. Akkerman and A. J. Vvanderjagt, Leiden, 1988, p.38-57, em especial p. 48 e sqq.; J. Chomarat, *Grammaire et rhétorique chez Erasme*, 2 vols. Paris, 1981, p. 520; A. Michel, 'Le Credo de Guillaume Budé: rhétorique et philosophie dans le *De transitu*' in *Mélanges sur la littérature de la Renaissance à la mémoire de V.-L. Saulnier*, Genève 1984, p.19-29; J. Ijsewijn, 'Le latin des humanistes français. Évolution et étude comparative', in *Humanisme français au début de la Renaissance* (Colloque international de Tours, XIV^e stage), Paris, 1973, p. 329-342.

⁴³ Vide Marcel Bataillon, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México-Buenos Aires, 1966, p. 287.

Muitas foram as traduções e adaptações destas obras — por exemplo, na vizinha Espanha — ou que delas receberam influência.⁴⁴

Por toda a Europa, onde era alarmante o número de filhos naturais e de casamentos clandestinos, se generaliza o gosto por esta literatura sobre o casamento, no seu aspecto teológico, jurídico, institucional e humano, inspirada na Sagrada Escritura, no direito romano — o romanismo impõe-se como esteio da secularização —, nos tratados clássicos de economia doméstica de Aristóteles e de Xenofonte e nos preceitos matrimoniais de Plutarco.⁴⁵

O casamento foi tema de debate alargado, desde a primeira metade do século XVI⁴⁶ até aos seus finais, em tempos da Contra-Reforma, de que são exemplo os diálogos filosóficos sobre a vida civil de G. B. Giraldi Cinzio — que integram os *Ecatommiti*, as cem novelas que serviram de fonte de inspiração a Shakespeare — que mereceram tradução francesa de Gabriel Chappuys (Paris, 1583).⁴⁷ Sobre os Diálogos de Cinzio dirá J. P. Guillerm: «Seul Giraldi, sous le couvert d'une réunion élégante, s'efforce dans le contexte post-tridentin de proposer un moralisme tout imprégné de la sagesse d'un

⁴⁴ Exemplo da recepção destas obras é o *Relox de príncipes* de Fr. Antonio de Guevara. Vide Augustin Redondo, *Antonio de Guevara (1480?-1545) et l'Espagne de son temps* cit., p. 623-624.

Entre as traduções castelhanas de Erasmo contam-se o *Colloquio de Erasmo intitulado Institución del matrimonio christiano* de Diego Moejón (1527), versão do Colóquio erasmiano *Uxor mempsigamos*; e o *Sermón en loor del matrimonio*, de Juan de Molina, composto a partir do *Encomium matrimonii* (1528).

O tratado de Vives *De institutione foeminae christianae* é traduzido por Juan Justiniano, com o título *Libro llamado Institución de la muger christiana* (1528).

⁴⁵ Vide Jean Pierre Guillerm et alii, *Le miroir des femmes I. Moralistes et polémistes au XVIe siècle*. Lille, 1983. Entre todas são de referir as obras de Tiraqueau, *De legibus Connubialibus* (desde 1513), de Nevizano, *Sylvia nuptialis* (1521), as de H.-C. Agrippa de Nettessheim, *De sacramento matrimonii* (1526) e *De nobilitate et praecellentia foeminei sexus* (1529).

⁴⁶ É sobretudo a partir de 1520, data em que Lutero publicara *O cativoiro babilónico da Igreja*, que muitas obras se debruçaram sobre o sétimo sacramento. Vide Émile V. Telle, *Érasme de Rotterdam et le septième sacrement* cit., p. 296

⁴⁷ *Dialogues Philosophiques et très utiles italiens-françois, touchant la vie civile...* Traduits de M. Jan Baptiste Giraldi Cynthien, par Gabriel Chappuys. Paris, 1583.

Plutarque».⁴⁸

Em Portugal, inserem-se nesta tendência moralizadora o *Espelho de casados* do Doutor João de Barros, o *Casamento perfeito* de Diogo Paiva de Andrade, e o tratado — a que acresce a componente jurídica — *Dos priuilegios & praerogatiuas q̃ ho genero feminino tẽ* de Rui Gonçalves.⁴⁹

Curioso é notar que o *Espelho de casados* do Doutor João de Barros reflecte os gostos retóricos da época e apresenta-se, formalmente, como um exemplo de debate *An sit nubendum?*

A primeira parte contém «Doze razões que disfavorecem o casamento as quaes se poserom aqui pera se reprouarem: por mayor favor dele». Na segunda parte «o autor prova por Doze Razões evidentes e muytos fundamentos quam excelente e proveitoso e necessário seja o casamento».

A temática do casamento, na nossa literatura, a exprimir a mentalidade do tempo, está presente nas obras de teatro — em alguns autos de Gil Vicente, nas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, nos autos de Camões —, ou ainda mais explicitamente, porque repositório de preceitos, na *Collectanea moralis philosophiae* de Frei Luís de Granada. Neste livro de sentenças, a matéria apresenta-se seriada, segundo os diferentes temas — *series locorum*.⁵⁰ Dividida em três partes, a segunda é dedicada aos opúsculos

⁴⁸ Cf. Jean-Pierre Guillerme et alii, *Le miroir des femmes I. Moralistes et polémistes au XVIe siècle* cit., p. 42.

O próprio Concílio de Trento se pronunciou sobre a disciplina e a própria liturgia do casamento cristão. Cf. *Ibidem*, p. 115-124, a tradução francesa quinhentista por Gabriel Du Préau dos *Decretos e Cânones do Concílio de Trento*, respeitantes ao casamento.

⁴⁹ Vide *Espelho de casados pelo Doctor João de Barros*, 2ª edição conforme a de 1540, publicada por Tito de Noronha e António Cabral. Porto, Imprensa Portuguesa, 1874; Diogo Paiva de Andrade, *Casamento perfeito em que se contem advertências...para viverem os casados em quietação...& muitas hystorias, & acontecimentos...dos tempos antigos, & modernos... com varias sentenças, & documentos de autores gregos, & latinos...Lisboa, Jorge Rodrigues, 1630; Rui Gonçalves, *Dos priuilegios & praerogatiuas q̃ o genero feminino tẽ por direito comũ & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*. Apud Iohanne Barrerium Regium Typographum, Anno Domini 1557.*

⁵⁰ Vide *Collectanea moralis philosophiae, in tres tomos distributa: quorum primus selectissimas sententias ex omnibus Senecae operibus, Secundus ex moralibus opusculis Plutarchi, Tertius clarissimorum principum & philosophorum insigniora apophthegmata, hoc est, dicta memorabilia complectitur*. Collectore F. Ludovico granateñ monacho Dominicano. Olisippone, Excudebat Franciscus Correa, Serenis S. Cardinalis Iff. Typogra. 1571.

morais de Plutarco, e estende-se por cerca de trezentas páginas (p. 497-787).

Entre as reflexões, feitas no prefácio desta obra, que servem para enaltecer a grandeza moral da mensagem dos autores clássicos e encarecer a utilidade da sua leitura, surge o elogio de Plutarco, que termina nestes termos: «Tudo, em Plutarco, está como que de acordo com a luz da razão e da natureza mais recta: talvez porque o Evangelho de Cristo, brilhando ao longe no século em que ele vivia, acrescentava ao espírito humano uma maior luz de verdade»⁵¹

Na segunda parte desta colectânea, dedicada à mensagem de Plutarco (p. 497-787), têm relevo temas como o casamento, o relacionamento entre os cônjuges, a educação dos filhos, ou outros respeitantes à moral individual ou social.⁵² A *authoritas* de Plutarco e o fácil acesso à sua mensagem equiparam esta obra, pelo menos junto de um público mais erudito, aos tratados especificamente compostos sobre o assunto, pese embora a divergente forma discursiva.

Todas estas obras, apesar de enfoques variados, apresentam, a nível da doutrinação ou da linguagem, das imagens e das *sententiae*, aspectos comuns que têm por fonte Plutarco.

Muitos dos preceitos e ideias que Plutarco defende são o resultado da serenidade filosófica do Sacerdote do templo de Delfos, da sua vivência de marido e pai de filhos.

⁵¹ Ibidem: *Horum terrorum/ nihil in Plutarcho deprehendes: sed omnia fere purgatissimae rationi, et naturae lumini consentanea: fortasse quoniam Euangelio Christi eius seculo latius coruscante, maior humanis mentibus ueritatis lux addita esset.*

⁵² Vide e. g. *Matrimonium* (p. 518; 548); *Vir et uxor — Matrimonium* (p. 518-520; 548); *Pater, filius, filiorum educatio* (p. 520-527); *educatio filiorum* (p. 520; 510; 715); *Pater* (520; 613; 510); *Adolescentia, senectus* (517); *Observantia in maiores* (p. 666); *Verecundia siue pudor* (p. 737); *affectus et passiones animae* (514); *Dilectio erga inimicos* (p. 587, 600; 630); *adulatio* (632; 567; 586; 548; 609); *Hipocrisis* (p. 765); *Benevolentia ciuium captanda et malevolentia fugienda* (p. 621); *Virtus quomodo facilis* (p. 578); *Hominis dignitas* (p. 513); *Quies siue tranquillitas animi* (p. 725; 580). Note-se que todos estes *loci* apresentam a mensagem de Plutarco, colhida nas diferentes obras, pelo que os *Moralia* e as *Vitae* são aproveitados indistintamente. Assim, por exemplo, a educação dos filhos (p. 520-527) apoia-se sobretudo no *De liberis educandis*, mas em grande medida nos costumes dos Lacedemónios, veiculados pela vida de Licurgo. Na *Collectanea* se encontra também a recomendação do aleitamento materno, que favorece a relação afectiva entre mãe e filho (p. 522): *uinculo amorem benevolentiamque fauerent.*

Na base da afectividade familiar, pedra angular do seu edifício pedagógico se desenvolve toda a sua filosofia da educação, delineada nos *praecepta* do seu *De liberis educandis* e ao longo de toda a obra moral, em que à influência estóica, à diatribe cínica e aos lugares comuns da filosofia popular, se sobrepõe sempre a sua forma peculiar de encarar a vida, decorrente da sua experiência e das suas mais profundas convicções.

A nível dos princípios, dos *fundamenta* em que assenta a educação, Plutarco, ou pseudo-Plutarco,⁵³ encarece neste opúsculo pedagógico, *De liberis educandis*, a importância da natureza, o aperfeiçoamento das tendências naturais pela criação de bons hábitos, que moldam o carácter,⁵⁴ o papel da memória,⁵⁵ a crença na virtude que pode ser ensinada,⁵⁶ o valor da emulação, o sentido da honra, a cultura da vergonha, com origens na poesia homérica; a importância do carácter do preceptor e a sua arte em estabelecer uma relação de respeito e afecto, em dosear os louvores e as censuras, em evitar a fadiga, em incentivar, nos discípulos, o amor aos estudos, em que é nítida a inspiração platónica. Esta influência, porém, está condicionada ao contexto

⁵³ Os humanistas atribuíram a Plutarco este pequeno tratado e nunca puseram em causa a sua autoria, pelo que não tem grande significado para o estudo desta época a opinião da crítica moderna, que é praticamente unânime em consiferá-lo pseudo-plutarquiano. Assim atribuiremos a Plutarco as ideias nele recolhidas. Sobre a questão da autenticidade do *De liberis educandis*, que foi pela primeira vez levantada no século XVII, vide Francesca Albini, “Family and the formation of character in Plutarch”, in *Plutarch and his intellectual world*, ed. by Judith Mossman. London, 1997, p. 69, n. 2.

⁵⁴ A importância da tríade educativa — *natura (ingenium)*, *ars, studium (exercitatio)* remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e sobretudo a partir deles, tornando-se um tópico discutido por todas as escolas filosóficas. Vide Platão, *Men.* 70a sqq.; *Phdr.* 269d; *Prt.* 323d; e *Lg.* 792e; Aristóteles, *Pol.* 1332a 38-40; 1337a 1; *EN.* 1179b 20-21; *Rh.* 1410b 6-7; Xenofonte, *Mem.* 3. 9. 2; 2. 6. 39; 3. 3. 11; Isócrates, *Paid.* III; Lucrécio, *De rer. nat.* 3. 319 sqq.

⁵⁵ A arte da memória, prática pedagógica do Renascimento, teve como mais antiga fonte que se conhece o poeta grego do século VI a. C., Simónides de Céos — a quem se deve a definição de tão grande fortuna, “a pintura é poesia muda, a poesia imagem que fala”. Vide sobre o assunto F. A. Yates, *L'art de la mémoire*, trad. de l'anglais par Daniel Arasse, Paris, 1975; Michele Simondon, *La mémoire et l'oubli dans la pensée grecque jusqu'à la fin du V^e siècle avant J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1982, em especial p. 181-190.

⁵⁶ Plutarco desenvolve esta temática no opúsculo moral, conhecido pelo título latino, *An virtus doceri possit*. O problema do ensino da virtude é já posto no *Ménon* por Platão.

histórico e social de Plutarco e ao ponto de vista por si adoptado, que se prende prioritariamente com os fundamentos da educação e da moral.⁵⁷

Plutarco dirige-se prioritariamente aos pais e recomenda-lhes que se empenhem acima de tudo na criação, formação e educação de seus filhos.⁵⁸ Os dois progenitores devem ter, em parceria, um papel complementar. À mãe, desde os cuidados a ter com o nascimento dos filhos, cabe-lhe amamentá-los, num estreitamento da ligação entre ambos, prevenir-se contra uma educação amolecida e branda, enfraquecedora do carácter e desencadeadora da *filautia*, precaver-se do turpilóquio, preservar os filhos de más convivências. Aos pais cabe providenciar, sem olhar a gastos, a melhor educação de seus filhos. Plutarco recomenda aos pais que se lembrem de que também já foram jovens, para suportarem, sem se indignarem, as faltas de seus filhos e, tal como os médicos — o símile, de grande fortuna, é colhido em Lucrecio — devem misturar a doçura, a *πρότης*, com a amargura das correcções.⁵⁹ Em suma, a educação integral, concebida como um bem supremo, será a preocupação primeira dos pais que, acima de tudo, devem ser exemplo, paradigma para os filhos.

Estas observações sobre a *puerilis institutio* caracterizam a educação

⁵⁷ Vide , a este propósito Ana Esther Velázquez Fernández, ‘Límites del influjo platónico en el Peri paidon agógês cit., p. 501- 514.

⁵⁸ Vide Francesca Albini, “Family and the formation of character in Plutarch”, in *Plutarch and his intellectual world* cit., p. 59-71. Para uma análise das ideias do *De liberis educandis*, vide Dominique Faure, *L'éducation selon Plutarque d'après les «Oeuvres morales»*, 2 vol. Aix-en-Provence, 1960: I, p. 18-22; cf ainda, sobre este tratado, na sua especificidade, e na sua relação com o pensamento platónico Ana Esther Velázquez Fernández, ‘Límites del influjo platónico en el Περί παιδων ἀγωγῆς’, in *Plutarco, Platón y Aristóteles — actas del V Congreso Internacional de la I. P. S.* (Madrid-Cuenca, 4-7 de Mayo de 1999). Madrid, 1999, p. 501- 514.

⁵⁹ Cf. *De liberis educandis*, 13d. É este um dos aspectos mais expressivos da teorização de Plutarco, com marcas indeléveis na pedagogia humanista, por revelar uma nova atitude face à criança, um ser em formação e não um adulto em miniatura. A modernidade do pensamento de Plutarco, que está na base da futura psicologia diferencial, defendida pelos pedagogos humanistas desde o *Quattrocento*, foi aceite com excessivas reservas pelo italiano Cataldo Parisio Sículo, o introdutor do Humanismo em Portugal e educador da nobreza portuguesa. vide Nair de Nazaré Castro Soares, ‘Cataldo e Resende: da pedagogia humanista de Quatrocentos à influência de Erasmo’, in *Cataldo e Resende. Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português*. Coimbra-Lisboa-Évora, 25 a 28 de Outubro de 2000, p. 311-340, maxime p. 321-323.

moderna desde o *Quattrocento*, desde as obras de Pier Paolo Vergerio e Francesco Patrizi Senense aos tratados pedagógicos de finais do século XVI.⁶⁰

Na tratadística portuguesa, o *Livro da virtuosa benfeytoria* do Infante D. Pedro é um documento, no Portugal quatrocentista, das ideias da pedagogia moderna, veiculadas pelo tratado de Pier Paolo Vergerio, que o nosso «Infante das sete partidas» conheceu em Itália.⁶¹

Alguns passos são por demais significativos do proto-humanismo da corte portuguesa do século XV, que indiciam a permeabilidade da mensagem clássica e do ideal pedagógico de Plutarco.

A crença na natureza humana e na sua perfectibilidade, através do ensino e da educação, é um dos aspectos notórios da modernidade do seu pensamento. A própria metáfora da terra, que deve ser cultivada para dar bom fruto, que se encontra em Cícero e em Plutarco e informa o tratado pedagógico de Vergério, encontra-se na *Virtuosa benfeytoria*: «Portanto assi como boos lavradores, com trabalhos e adubios, vençamos a terra que he maninha».⁶²

D. Pedro, neste tratado, não apresenta um plano de educação régia ou aristocrática. No entanto, é manifesto o seu intelectualismo socrático, a preocupação da ensinança, capaz de proporcionar a sabedoria, «que a muytos tyrou e tyra de mal fazer», como afirma na famosa “Carta de Bruges”, documento indispensável para se ajuizar, em plenitude, do pensamento pedagógico do Infante. Dirá, na *Virtuosa benfeytoria*: «que os beneficcios da benquerença non devem seer tirados aaquelles cuja saude speramos».⁶³ «Os

⁶⁰ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório* cit., p. 97-188.

⁶¹ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, ‘A *Virtuosa Benfeytoria*, o primeiro tratado de educação de príncipes em português’, *Biblos* 69 (1993) -*Actas* do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro (Coimbra, de 25 a 27 de Novembro de 1992), Coimbra, 1993, p. 289-314.

⁶² Vide Infante D. Pedro e Frei João Verba, *Livro da virtuosa benfeytoria*. Ed. Crítica, introdução e notas de Adelino de Almeida Calado, Coimbra, 1994 (As citações são feitas a partir desta edição, indicada pela sigla *VB*): liv. II, cap. XXI, p. 132. Esta metáfora surge, de forma recorrente, no tratado pedagógico de D. Jerónimo Osório, *De regis institutione et disciplina*.

⁶³ Cf. *VB*, liv. II, cap. XX, p. 125.

duros e crueves façamos brandos e amolentemos». ⁶⁴ «E, ffalando com boa graça, dando conselhos e boas ensinaças aproveytaremos quaaesquer que podermos». ⁶⁵

O primeiro cuidado a ter com a educação deve-se aos pais, que dão aos filhos «seer natural e criaçom» e «ensinança». ⁶⁶ E acrescenta: «aquelle he julgado por besta cruevel que en seus filhos he negligente». ⁶⁷

O enaltecimento do papel dos aios e dos mestres, surge na pena do Infante em termos que não escondem a sua sensibilidade, diria mesmo a sua ternura por quem se dedica à missão de ensinar, de orientar e formar para a vida, com paciência, disponibilidade e total desinteresse. ⁶⁸

A ideia de que os mestres, pela emulação, «com certos louvores» e «com bõos ensinós», «exalçam em vertudes as naturezas» ajusta-se com perfeição à ideia, essência de toda a pedagogia humanista, de que «a educação é uma segunda natureza», na expressão de Erasmo, seguidor de Plutarco. ⁶⁹

O ideal de mestre, que aflora em todos os tratados de pedagogia humanista, senão mesmo nos manuais de gramática, como no prefácio da famosa gramática do Pe. Manuel Álvares, editada inúmeras vezes, no séc. XVI, e utilizada em todos os colégios da Europa, não está ausente das páginas do *Livro da vertuosa benefeytoria*.

A este propósito, é de interesse lembrar que D. Pedro, pela valor e significado que confere ao papel dos aios e mestres, afirma que a eles nunca

⁶⁴ Cf. VB, liv. II, cap. XXI, p. 132.

⁶⁵ Cf. VB, liv. II, cap. XXI, p. 130.

⁶⁶ Cf. VB, liv. II, cap. XV, p. 99-100.

⁶⁷ Cf. VB, liv. II, cap. XVIII, p. 115.

⁶⁸ Cf. VB, liv. V, cap. VIII, p. 285: «E os meestres, ensinando specialmente, filham muyto trabalho e nojo e, afora aquelle que he demonstrado juntamente a todos, dam ensinaças outras em special, e per seus castigos exalçam em vertudes as naturezas, demovendo algũus com certos louvores e amoestando outros com bõos ensinós. E assy spertam o entendimento preguiçosamente adormentado que lhe tiram as treevas da ignorancia e lhe fazem conhecer o claro splendor».

⁶⁹ Erasmo, principal representante e divulgador do pensamento pedagógico moderno — que funda as suas raízes no *Quattrocento* italiano — irá afirmar, cerca de um século depois de D. Pedro, que a educação é uma segunda natureza, é fonte de toda a virtude: *Fons enim omnis uirtutis est diligens ac sancta educatio* (*Opera omnia*, Leiden, 1703: LB, I. 491 E).

se dará total agradecimento, «porquanto nunca podemos deixar de seer obrigados a quem per natureza somos tehudos»⁷⁰.

Embora marcado pela discursividade medieval, o *Livro da vertuosa benefeytoria* do Infante D. Pedro pode considerar-se pioneiro na abertura aos valores humanísticos e aos ideais pedagógicos que as obras do século XVI, com nítida influência de Plutarco, privilegiaram.

No que se refere à tratadística pedagógico-política, a presença de Plutarco é notável, designadamente a partir de Erasmo que, na *Institutio principis christiani*, difunde o gosto por este género de literatura no século XVI. Nesta obra erasmiana, Plutarco figura à cabeça dos autores que o príncipe deve estudar, logo depois dos textos sagrados.

É através da síntese que Erasmo faz das ideias políticas de Plutarco, que a sua doutrina ganha vida e actualidade, nos diversos tratados humanistas.

Plutarco é com frequência citado pelos tratadistas pedagógicos portugueses de Quinhentos, sobretudo a partir de Frei António de Beja, *Breve doutrina e ensinança de principes*.⁷¹ O nome de Plutarco surge explicitamente na *Doutrina* de Lourenço de Cáceres ao Infante D. Luiz.⁷²

Além de um ou outro pormenor biográfico, referente à educação dos príncipes, que ocorre esporadicamente nas obras históricas, ou de pedagogia política, a *puerilis institutio*, com marcada influência dos autores clássicos, designadamente Plutarco e Quintiliano vai ser objecto da *Institutio Sebastiani Primi* de Diogo de Teive, dedicada a D. Sebastião, de sete anos de idade, e do *De regis institutione et disciplina*, ‘Sobre a instrução e a educação do rei’, de D. Jerónimo Osório, dirigido ao mesmo príncipe para o educar e corrigir.⁷³

⁷⁰ Cf. VB, liv. V, cap. II, p. 267.

⁷¹ Frei António de Beja, *Breve doutrina e ensinança de principes*. Repr. fac-similada da ed. de 1525. Introdução de Mário Tavares Dias, Lisboa, 1965, p. 22 e 119.

⁷² Vide *Antologia do pensamento político português (séc. XVI)*, 1º vol.: *Período Joanino*. Textos coligidos por António Alberto de Andrade, Separata de *Estudos políticos e sociais*, III n. 2 e 3. Lisboa, 1965, p. 39 e 55.

⁷³ Vide Hieronymi Osori Lusitani *De regis institutione et disciplina*, Olysippone, excudebat Franciscus Correa, 1572. Mais vulgarizada é a edição dos seus *Opera omnia*, editada pelo sobrinho e homónimo, em Roma, em 1592: *Hieronymi Osori Lusitani, Episcopi Algarbiensis, Opera omnia. In unum collecta, et in Quattuor volumina distributa*. Romae, MDXCII.

Em oito livros, é este o mais completo tratado de pedagogia e de pedagogia política do nosso Humanismo Renascentista, e dos mais expressivos da tratadística europeia. Nele, o Bispo de Silves segue de muito perto, na doutrina e nos *exempla*, Plutarco, no *De liberis educandis*, no que toca à primeira educação e formação de bons hábitos, e tem por referência constante toda a obra deste filósofo moralista, incluindo — já que se trata de um príncipe, ou antes de um rei — a de orientação política.⁷⁴

Apesar disso, no *De regis institutione et disciplina*, nunca é referido o nome de Plutarco que, no livro III do seu tratado *De gloria*, é saudado como glória e honra de Roma, sem dela ser filho.⁷⁵

Assim acontece com muitos autores do nosso Renascimento que apresentam, nas suas obras, marcas indeléveis da recepção de Plutarco. O próprio Camões leu Plutarco, com certeza, e sem o citar, colheu nele muito do saber que informa *Os Lusitadas*.⁷⁶

Frei Heitor Pinto aponta o nome de Plutarco, repetidas vezes, ao longo da sua *Imagem da vida cristã*, evocando as obras em que se apoia. Nem sempre, contudo, assim acontece. No “Diálogo da Tribulação”, refere vagamente a obra de Plutarco, veiculando o retrato ideal do príncipe, nestes termos: «Muitos subiram a honras, que a não tiveram tanta, quando as alcançaram, como infâmia, pelos meios com que as adquiriram. Donde veio a dizer Plutarco em uma epístola ao imperador Trajano, seu discípulo, que, com razão se podia dizer feliz seu império, pois fizera obras para o merecer, e não buscara maneiras para o alcançar».⁷⁷

Para Plutarco, como para os autores da sua época, que imbuídos de eclectismo filosófico recebem a influência da diátribe cínica, a imagem do governante é impregnada de misticismo. E é nesta perspectiva, comum a

⁷⁴ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, INIC, 1994.

⁷⁵ Cf. *Hieronymi Osori Lusitani Opera omnia* cit., I, 195.39-44.

⁷⁶ Afirma-o A. J. da Costa Pimpão (Prefácio à edição de *Os Lusitadas*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989, p. XXV), nestes termos: «E que leu [Camões] dos prosadores? Plutarco, com certeza. Em grego?». Não necessariamente, pois traduções, como as de Amyot para língua francesa foram verdadeiro *best-seller*. A elas se refere Montaigne, designando-as por «notre bréviaire».

⁷⁷ Frei Heitor Pinto, *Imagem da vida cristã*, com prefácio e notas de P. M. Alves Correia, Lisboa, Sá da Costa, 1952, p. 263.

D. Jerónimo Osório, que Frei Heitor Pinto, sem referir a fonte, afirma, no capítulo V do *Diálogo da Justiça*:

“O bom príncipe e prelado é um sol comum a todos, que vigia sobre seu povo com muitos olhos, estando sempre no meio como o Sol que está no meio dos sete planetas”.⁷⁸

Como está distante esta imagem da que servirá de lema a Luís XIV, o “Rei Sol”, do século seguinte!

Frei Heitor Pinto, na sua *Imagem da vida cristã*, faz referência explícita a tratados morais de Plutarco, tais como o *De tranquillitate animi*⁷⁹ e os que designa em português por ‘Livro do ensino e criação dos meninos’⁸⁰ e por ‘Livro dos proveitos que se nos seguem de termos inimigos que nos injuriem’⁸¹ e colhe muitos dos seus *exempla* nos *Moralia* e nas *Vidas Paralela*, citadas com frequência.⁸² Não fora ele o tecelão, como se autodenomina, a ajuntar a «doctrina de diversos autores, & de muytas autoridades», para fazer a sua teia.⁸³ Ou melhor, diremos nós, o doutrinador e moralista, a manifestar a sua abundante erudição, que visa sobretudo fins didácticos.

Plutarco figura destacadamente na obra de André Rodrigues de Évora, *Sentenças de diversos autores pelas quaes amoestão aos príncipes como na paz e na guerra se devem reger, dirigidas ao muito esclarecido Príncipe Dom Sebastião, neto do mui Poderoso rei Dom João, Terceiro deste nome, nosso Senhor*.⁸⁴

Diogo de Teive não se esquece também de mencionar, nas suas *Sententiae*, “o excelente, gravissimo Plutarco” a quem deve muito da sua teorização.⁸⁵

⁷⁸ Ibidem, p. 173.

⁷⁹ Ibidem, p. 219

⁸⁰ Ibidem, p. 138.

⁸¹ Ibidem, p. 250.

⁸² Ibidem, pp. 22, 97, 171, 174.

⁸³ Vide a este propósito, o nosso artigo ‘A literatura de sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*’, in *Actas do Congresso internacional Humanismo Português na época dos Descobrimentos* (Coimbra 9-12 de Outubro de 1991), Coimbra, 1993, p. 377-410: maxime, p. 395.

⁸⁴ *Fac-simile do Manuscrito inédito da Casa Cadaval*. Introdução por Luís de Matos. Lisboa, 1983, p. 10-11; 82-83.

⁸⁵ Cf. *Eposos que contém Sentenças úteis a todos os homens, às quais se acrescentam Regras*

Entre nós, a literatura de sentenças, que Plutarco cultivou em obras como *Regum et imperatorum apophthegmata* e *Apophthegmata Laconica*, está bem representada desde os *Prouerbia* de Cataldo aos livros de Sentenças de D. Francisco de Portugal, primeiro conde de Vimioso, Diogo de Teive, Diogo Pires, André Rodrigues de Évora, Frei Luís de Granada.⁸⁶

A presença de Plutarco nestas obras é notável, pela quantidade de textos representados e pelos juízos de valor que os acompanham.

Plutarco é indubitavelmente fonte inesgotável de argumentos que se repetem de autor para autor.⁸⁷

Curioso é o aproveitamento que fazem de trechos ilustrativos da obra de Plutarco, as próprias orações de sapiência, que se integram na pedagogia humanista e enunciam a sua *ratio studiorum*. Está neste caso a *Omnium Philosophiae partium laudibus et studiis*, ‘Sobre o estudo e louvor de todas as partes da Filosofia’, de Hilário Moreira, «proferida na Universidade de Coimbra, a mais próspera de todo o mundo, segundo o costume da Academia, em 1 de Outubro do ano do Senhor de 1552», como se lê no frontispício da edição de Coimbra dos tipógrafos régios João Barreira e João Álvares, saída a lume no mesmo ano em que fora apresentada.⁸⁸ A iniciar esta oração, figura um longo passo, que contém o elogio das letras, do *De liberis educandis* (10), em tradução latina, colhida na *Miscelania*

para a boa educação de um Príncipe. Composto tudo na Língua Latina pelo insigne português Diogo de Teive... Traduzido no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade. Copiado fielmente da edição de Lisboa de 1565. Lisboa, 1786, p. 63.

⁸⁶ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, ‘A literatura de sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*’ cit.

⁸⁷ Servem de exemplo, além fronteiras, as já referidas obras escritas para a educação de um príncipe menino ou de um rei no exercício do poder, tais como a *Institution du prince* de Guillaume Budé, o *Livro de Marco Aurélio* de Frei António de Guevara; entre nós, o *Libro primero del principe christiano* de Francisco de Monçon; a *Institutio principis*, precedida de uma colectânea de *Sententiae* de Diogo de Teive e o *De regis institutione et disciplina*, de D. Jerónimo Osório, dedicados ao mesmo rei D. Sebastião.

⁸⁸ Hilarii Moreirae Conimbricensis ad inuictissimum Lusitaniae Regem D. Joannem tertium de omnium Philosophiae partium laudibus, et studiis oratio. Apud inclytum Conimbricense lyceum universi terrarum orbis florentissimum de more Academiae habita Calend. Octob. Anno Salutis M. D. LII. Conimbricae, Joannes Barrerius et Joannes Alvarus Reggi Typographi excudebant.

Velasco de 1473.⁸⁹

Reveladores da importância e significado da mensagem de Plutarco, na construção do discurso quinhentista, são ainda o *Diálogo da viciosa vergonha* de João de Barros⁹⁰ e o *Colloquium* de Luisa Sigeia, um diálogo sobre a vida contemplativa, em contraste com a vida áulica, a vida activa. Nesta obra, Plutarco está representado, em profusão, com trechos de muitas das suas obras, na língua original.⁹¹

Também António Luís, um humanista da primeira metade do século XVI, comentador de Galeno e Aristóteles e crítico de Erasmo, demonstra conhecer e apreciar o autor de Queroneia. Não só no tratado *De pudore* sobre a mesma matéria do *Diálogo da viciosa vergonha* — que dedica a João de Barros, mas também nos *Problemata*.⁹²

Entre as fontes apontadas por António Luís para este tratado científico — que, no seu título, é designado *opus absolutum, et facundum, et uarium, multiiugaque eruditione refertissimum*, ‘obra completa e eloquente, cheia de multifacetada erudição’ — encontra-se Plutarco, citado, em vários dos seus tratados.⁹³

⁸⁹ Vide *A Oração de sapiência de Hilário Moreira* por Albino de Almeida Matos. Coimbra, INIC, 1990, pp. 48-49 e 93.

⁹⁰ O *Diálogo da viciosa vergonha*, inspirado no tratado de Plutarco, Περὶ δυσωπίας segundo afirma Barros (cf. fol. A ii^o da edição princeps de 1540, em reprodução fotográfica por Maria Leonor Carvalhão Buescu, *João de Barros, Gramática da língua portuguesa, Diálogo em louvor da Nossa linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Lisboa, 1971). Sobre a inspiração de Barros na tradução de Erasmo desta obra de Plutarco, e não no original grego, vide Américo da Costa Ramalho, “João de Barros e Erasmo: a propósito da *Viciosa Vergonha*”. ‘Notas de investigação’ - XXVI, *Humanitas*, 37-38 (1986), 275-280.

⁹¹ Sobre o *Colloquium* de Luisa Sigeia, vide em Odette sauvage, *Luisa Sigeia. Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*. Présenté, traduit et annoté. Paris, 1970. Cf. as múltiplas citações de Plutarco, e. g. pp. 34; 37; 114-120.

⁹² *Antonii Lodouici medici olyssipponensis Problematum libri quinque opus absolutum, et facundum, et uarium, multiiugaque eruditione refertissimum*, Olyssipone, M. D. XXXIX. Esta obra foi parcialmente estudada, em tese de mestrado orientada pelo Prof. Costa Ramalho, por Manuel Chaves de Andrade, *As três primeiras Secções do Primeiro Livro dos Problemas de António Luís*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995 (texto dactilografado).

⁹³ Vide *Ad lectorem praefatio auctoris*, onde confessa ter seguido, na preparação da sua obra, os autores gregos, sobretudo estes: Galeno, Próculo, Plutarco, Platão, Aristóteles, Alcino,

De grande voga no Renascimento são as obras que se ocupam das biografias de homens ilustres, a que dão o tom as *Vidas Paralelas* de Plutarco. A atitude epistemológica de Plutarco na seriação e apresentação dos factos, em ordem à dignidade que imprime às *Vidas* dos seus varões, vai ao encontro do espírito humanista, com raízes em Petrarca e Lorenzo Valla, que subordinam a cultura à moral. Assim, no prefácio do *De uiris illustribus*, que inicia o género, Petrarca acentua o valor paradigmático da obra, como guia de conduta.

Significativa é também, neste sentido, a *Vida do Infante D. Duarte* de André de Resende, dirigida ao Senhor Dom Duarte, duque de Guimarães, seu filho. O Humanista eborense, apreciador de Plutarco — como o revela a sua oração de sapiência de 1551, onde se lhe refere como escritor da maior autoridade, *Plutarchus grauis cum primis auctor*⁹⁴ —, conclui nestes termos a sua biografia: «Esta é a lição, Excelente Senhor, que desejei de ler, da qual confio eu que V. Excellencia poderá tirar documento, de que muito se aproveita, se frequentemente a ler, e fizer a sua lembrança familiar».⁹⁵

A própria História, no Renascimento, herdeira da concepção de Cícero em *De oratore* (2. 9. 36),⁹⁶ muito deve à obra de Plutarco, que tratou paradigmaticamente a história dos seus varões ilustres, gregos e romanos, impondo-os como modelos de comportamento ético, cívico e político, que a tradição literária veiculou.⁹⁷ Exemplar, neste domínio, é a historiografia portuguesa, designadamente a obra de João de Barros.⁹⁸

Alexandre, o divino Dioniso e inúmeros outros» Entre as obras de Plutarco que cita, figuram os *Apothegmata*, o tratado intitulado *Maxime cum principibus uiris philosopho esse disserendum, os Coniugalia praecepta*.

⁹⁴ Cf. edição de Luís de Matos, *Quatro orações latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Século XVI)*, Coimbra, 1937, p. 57.

⁹⁵ Vide *Obras Portuguesas de André de Resende*, por José Pereira Tavares, Lisboa, 1963, p. 132.

⁹⁶ São estes os termos ciceronianos: *Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis*.

⁹⁷ Vide John Dillon, 'Plutarch and the end of history', in *Plutarch and his intellectual world* cit., p. 233-240.

⁹⁸ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, 'A Historiografia do Renascimento em Portugal: referentes estéticos e ideológicos humanistas', in *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Ed. Luís Filipe F. R. Thomaz. Lisboa, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa, 2002, p. 15-37.

A poesia quinhentista indicia também a influência de Plutarco: André Falcão de Resende, na “Epístola I: a Heitor da Silveira, seu cunhado, estando na Índia”, escreve: «A Sparta que alcancei de Deus com tudo,/minha consorte digo, amo e acompanho». Esta expressão figurada, que se tornou proverbial, encontra-se nos *Moralia* e também nos *Adagia* de Erasmo, como provou o Prof. Costa Ramalho.⁹⁹

Ainda a propósito de expressões sentenciosas, um dos *Ditos portugueses dignos de memória*, editados pelo Prof. José Hermano Saraiva, refere-se a uma resposta, um *salse dictum*, de D. Jorge, filho bastardo de D. João II, dada a um parente seu, que o interpelava sobre o casamento que ele queria contrair com uma rapariga nobre, muitos anos mais nova do que ele, sendo nisso contrariado pelos filhos, sobretudo pelo mais velho, D. João de Lencastre, duque de Aveiro. A resposta de D. Jorge, o discípulo de Cataldo, é a mesma de Catão o Antigo, confrontado com situação semelhante, que figura nas *Vidas Paralelas* de Plutarco.¹⁰⁰

Por tudo o que foi referido, um facto pode ser constatado: a influência de Plutarco no Humanismo, em Portugal, não é resultado do manuseio de colectâneas, em grande voga na época, de que são exemplo as de Ravisius Textor, Gregorius Reish, Niccolò Perotti.¹⁰¹

⁹⁹ Na origem desta expressão figurada, contida nestes dois versos, está um passo da tragédia eurípidiana *Télefo*, que, perdida a ligação com o texto original, se tornou provérbio, a significar genericamente: «aceita o que te coube em sorte e estima-o», «da sorte que tiveste, não te queixes, mas tira dela o possível partido».

Este provérbio surge em dois trechos dos *Moralia* de Plutarco, bem acessíveis aos leitores do século XVI: no *De Tranquillitate animi* e no *De exilio*; figura nos *Adagiorum opus* de Erasmo, que sobre ele disserta longamente. Segundo o Humanista de Roterdão, este provérbio tem diversas aplicações: «por exemplo, quando aconselharmos alguém a que desempenhe com decoro o papel que assumiu». E explícita Erasmo: «É marido cumpra as obrigações de marido». Vide Américo da Costa Ramalho, *Para a história do Humanismo em Portugal IV*, Lisboa, 2000, p. 172-176.

¹⁰⁰ A resposta, cheia de ironia, de D. Jorge é que queria casar «Por ver se podia haver outros filhos tão virtuosos como os que já tenho». Vide A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, III, Lisboa, 1998, p. 128-129.

¹⁰¹ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI* cit., p. 226-228; Idem, ‘A literatura de sentenças no Humanismo Português: *res et uerba*’ cit.

Pelo contrário, Plutarco, é lido e assimilado, no original, em tradução latina e em vulgar e, com a sua mensagem, informa a própria mundividência da época, no que se refere à educação e formação do homem e do príncipe, à teorização ético-política, ao relacionamento em família e em comunidade, às formas de comportamento humano, nas diversas circunstâncias.

A influência de Plutarco determina mesmo, muitas vezes, uma nova forma de mentalidade, uma nova atitude cultural, que passa pela reflexão sobre temas e motivos, em que se implicam e interpenetram parâmetros de carácter ontológico ou comportamental, do domínio da moral e da psicologia individual ou social, até então latentes, que se revigoram e actualizam através da sua mensagem.

Do ponto de vista das ideias estéticas, que se impuseram no Renascimento, um aspecto peculiar deve ser referido, no que respeita à recepção de Plutarco. Esta não se concretiza apenas como elemento informador da *inuentio*, da *res inventiva*, dos autores quinhentistas, mas também, e de modo decisivo, na definição do estilo, da *elegantia* da *latinitas*.¹⁰²

A revitalização da retórica helenística e a reflexão sobre a obra de Plutarco, designadamente sobre a *Vida de Cícero*, vertida para latim por Leonardo Bruni Aretino, contribui para que se imponha a primazia do *êthos*, instância de enunciação centrada no eu, que privilegia, em nome da autenticidade, a presença do indivíduo na escrita.

Nesta *Vita Ciceronis*, sobretudo na comparação que estabelece, no seu final, entre Cícero e Demóstenes, favorável ao orador grego, resume Plutarco o seu ideal de estilo, em que o primado da energia moral e da acção se sobrepõe à retórica da palavra.

Neste sentido se orienta também o pensamento de Séneca, que, numa das suas cartas a Lucílio (14. 90. 20), previne o discípulo de que «o fascínio das palavras consegue desviar da verdade até mesmo os grandes espíritos».¹⁰³

¹⁰² Vide Jean Lecointe, *L'idéal et la différence. La perception de la personnalité littéraire à la Renaissance*, Genève, 1993, p. 388 sqq.

¹⁰³ Vide Lúcio Aneu Séneca, *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1991, p. 445.

Esta retórica do *êthos*, que põe em relevo a força expressiva, a *emphasis*, do *apotegma*, do adágio, do provérbio, da *sententia*, em que se interpenetram concisão e propriedade, teve um papel preponderante na reflexão crítica da arte da palavra no Renascimento, designadamente na pedagogia de Erasmo, que exerceu marcada influência, entre nós, em pedagogos e mestres de retórica como Jerónimo Cardoso, Clenardo, João Vaseu, João Fernandes.

A literatura de sentenças, de que Plutarco, com os seus *Apophtegmata*, é um lídimo representante e fonte privilegiada dos humanistas, assume, como observámos, uma importância singular, em Portugal e em toda a Europa do Renascimento.

Além de colectâneas de apotegmas, a produção dramática quinhentista reflecte o seu manuseio e memorização. Servem de exemplo os autos de Camões e sobretudo as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Eugenio Asensio, no magistral estudo que abre a sua edição da Comédia *Eufrosina* considera-a «Un profuso repertorio de ejemplos y sentencias morales». E, a este propósito, acrescenta: «Los héroes y la sabeduría antigua penetraban en el mundo renacentista llevados por Plutarco y los textos de clase».¹⁰⁴

Além da *Eufrosina* também a *Aulegrafia* entretece o seu discurso de apotegmas e provérbios, que, destacados no final da edição, ocupam várias páginas¹⁰⁵ — a provar o gosto pela expressão sentenciosa, lapidar, que Plutarco privilegia.

Em suma, Plutarco exaltou o valor da virtude e apresentou a forma de a pôr em prática, serviu de modelo estético, no seu gosto pela *breviloquentia*, e foi um dos autores mais lidos e imitados no século XVI.

Defensor e representante de uma nova ordem social, Plutarco, soube,

¹⁰⁴ Vide Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*. Texto de la edición príncipe de 1555 con las variantes de 1561 y 1566. Edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio. Madrid, 1951, p. XI e XX, respectivamente.

¹⁰⁵ Note-se que a linguagem da comédia, que procura adequar-se ao *êthos* das personagens de baixa condição social, do vulgo ignaro, aos seus gostos e maneiras, reflecte, como nenhum outro género, as tendências e marcas expressivas próprias do tempo e exprime o gosto pela expressão sentenciosa.

com a sua mensagem — herança do pensamento grego dos séculos V e IV a. C., assimilada com eclectismo e apurada sensibilidade — impor uma nova mentalidade, um novo estilo de vida.

Para se ajuizar do significado e relevância da sua obra, bastaria para tanto recordar as suas ideias sobre a educação do príncipe e do homem comum, precursoras da moderna psicologia diferencial; a importância da afectividade entre os esposos e entre pais e filhos; a obrigação moral dos pais investirem na educação daqueles que geram; o papel da mãe, a relação umbilical entre mãe e filho e a defesa do aleitamento materno; o casamento e as regras do bom viver matrimonial; o proveito que advém do convívio, em família, das pessoas idosas, que acumulam saber e experiência e se tornam pilares dos valores essenciais da vida. Enfim, a crença na perfectibilidade do homem, na cultura como instrumento de virtude e de *uita beata*.

Este ideal humano que é assimilado pelos autores mais representativos do Renascimento, tornou-se património da humanidade e conferiu a Plutarco, na distância de dezanove séculos, um lugar entre nós.